A CRÍTICA (MATERIALISTA) DO MUNDO (DESCONTÍNUO) DAS COISAS - MICROLOGIAS

SOBRE *RUA DE MÃO ÚNICA*
(BENJAMIN), *VESTÍGIOS* (BLOCH)
E *OS EMPREGADOS* (KRACAUER)

CARLOS EDUARDO JORDÃO MACHADO¹

37

Walter Benjamin redigiu entre 1923 e 1926 um conjunto de aforismos intitulado *Einbahnstrasse* [*Rua de mão única*], que apareceu em livro em 1928, tendo chegado a publicar alguns fragmentos no *Frankfurter Zeitung*, com a mediação de Siegfried Kracauer, que era, na ocasião, editor do caderno cultural do jornal. O livro é registro de um momento decisivo na trajetória intelectual e afetiva de Benjamin, é dedicado a Asja Lacis, uma “bolchevique de Riga”. Posso afirmar sem exagero que o projeto das *Passages* já está esboçado em *Einbahnstrasse*, sobretudo em relação ao método expositivo, à “montagem literária”. Como afirma em *Passages*, o seu trabalho “deve desenvolver ao máximo grau a arte de citar sem aspas. A sua teoria está intimamente relacionada

à da montagem” (1983, p.572). Em outro trecho dessa mesma obra, Benjamin enfatiza: “método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Só a mostrar” (1983, p.574).² Na obra das passagens, trata-se de aplicar a “montagem literária” à história, ao século XIX, à cidade de Paris do Segundo Império, como sendo a forma originária (*Urform*) da modernidade, na *Rua de mão única*, ao presente. Certamente é uma tentativa inicial, uma obra experimental, sem as dimensões monumentais e a complexidade do projeto das *Passages*.

A “montagem literária” do pequeno livro permite reunir uma multiplicidade de formas de texto aparentemente disparatadas, um caleidoscópio, são citações de várias procedências: cartazes, relatos de sonhos, locais, ambientes, axiomas, fábulas, recordações, objetos, provérbios e modos de fala, utensílios domésticos, brinquedos infantis, moradias, embaixadas, roupas e apetrechos de vestuário, plantas, locais de trabalho, panoramas, provocações sobre os acadêmicos e seus “métodos críticos”, o hábito

alemão de beber cerveja; mendigos, ambulantes, proletários e esnobes e gente simples povoam seus aforismos; coleção de selos das mais variadas procedências; ruas e gentes de várias cidades como Paris, Berlim, Marselha, Sevilha, Moscou, Riga etc; considerações sobre a infância e as escolas, a disciplina prussiana, o militarismo, a luta de classes; coleções de antigüidades, mapas, achados e perdidos; o poeta vienense Karl Kraus e vários personagens literários; igrejas e sinagogas, citações da Bíblia e do Talmud, museus, parques de diversões, hospitais, asilos, restaurantes, postos de gasolina e de prontos-socorros, quinquilharias, máscaras, agência de apostas, quiromantes etc. etc. Aqui me interessa destacar o diagnóstico que traça sobre o presente alemão mais próximo: “Viagem através da inflação alemã”.

É o “*Panorama imperial*”, uma composição dividida em quatorze partes. Começa extraindo conseqüências críticas dos modos de fala [*Redewendungen*] do burguês alemão nos quais evidencia uma espécie de amálgama de “estupidez

e covardia” [*Dummheit und Feigheit*], de fatalismo, já que “assim não pode mais continuar”. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a situação econômica do homem médio mudou drasticamente, colocando por terra a relativa estabilidade que o favorecia, criando uma nova situação, mas, observa, “já antes da guerra havia camadas para as quais as relações estabilizadas eram a miséria estabilizada” (p.94; p.20). Com a inflação, se configura-se uma nova *ratio*, aquela que passa a contar com “os fenômenos de declínio [*Erscheinungen des Verfalls*] como o puramente estável” (p.95; p.20). A contrapartida é dirigir a atenção para o extraordinário, na expectativa de um milagre, já que assim não pode continuar, senão lhe resta apenas o “aniquilamento” [*Vernichtung*]. Uma situação paradoxal que engendra um amesquinamento: “as pessoas só têm em mente o mais estreito interesse privado quando agem, mas ao mesmo tempo são determinadas ... pelos instintos da massa. E mais do que nunca os instintos da massa se tornaram desatinados e alheios [*fremd*] à vida” (p.95;

p.21).³ Um estado em que o indivíduo se amesquinha, centrado no seu “próprio inferior bem-estar” e “a diversidade de alvos individuais se torna irrelevante”. Algo semelhante ao que Kracauer caracteriza como aquele processo no qual a massa se transforma em ornamento⁴, anulando as características individuais. Nas palavras de Benjamin: “De modo que nela a imagem da estupidez se completa: insegurança, perversão mesmo, dos instintos vitalmente importantes, e impotência, declínio mesmo, do intelecto”. E completa: “É a disposição da totalidade dos burgueses alemães” (p.95-6; p.21). No centro dos interesses está o dinheiro. É a miséria estabilizada: “É impossível viver em uma grande cidade alemã, na qual a fome força os mais miseráveis a viver das notas com as quais os passantes procuram cobrir uma nudez que os fere”. Uma situação que lembra a sordidez retratada em um quadro de Otto Dix, no qual um mutilado de guerra é ignorado pelos passantes, sem ser respeitado nem mesmo por um vira-lata que urina sobre sua perna aleijada.

Outro modo de fala: “pobreza não é desonra” ou “quem não trabalha não come”. Benjamin inverte o princípio de Adam Smith, no qual haveria uma “mão invisível” a regular no mercado os apetites egoístas, para denunciar a falsidade do provérbio: “Mas é a desonra, sim, essa penúria, da qual milhões já nascem dentro, e em que são enredados centenas de milhares, que empobrecem. Sujeira e miséria crescem como muros, obra de mãos invisíveis, em torno deles” (p.97; p.22). Uma calamidade exposta aos olhos de todos, mas cujas causas reais permanecem obscuras, mesmo que sejam alardeadas diariamente pela imprensa. A falta de clareza sobre as potências efetivas da situação de crise gerada pela inflação é ilustrada ironicamente por um francês espirituoso que diz: “Nos casos mais raros, um alemão terá clareza sobre si. Se alguma vez tiver clareza, não o dirá. Se o disser, não se fará compreensível” (p.97; p.23). E conclui Benjamin: “o mais europeu de todos os bens, aquela ironia mais ou menos clara com que a vida do indivíduo pretende transcorrer em disparida-

de com a existência de toda e qualquer comunidade em que ele esteja encravado, está inteiramente perdido para os alemães” (p.98; p.23).

O diálogo desaparece entre as pessoas, no lugar da consideração pelo outro, impõe-se um “outro” de caráter impessoal: o dinheiro, que se torna o objeto do pensamento e da fala (p.98; p.23). Uma visão conformista, através da qual o indivíduo nada mais faz do que justificar a sua permanência, a sua atividade e sua participação “nesse caos” (p.98; p.23). É uma cegueira [*Verblendung*] geral. Benjamin não deixa de relevar de que modo teorias da vida e visões de mundo como sanção de uma situação privada “totalmente insignificante” (p.98; p.24). E completa: “Por isso mesmo o ar está também tão cheio de ilusões, miragens de um futuro cultural que apesar de tudo irrompe florescente da noite para o dia, porque cada qual se compromete com as ilusões óticas de seu ponto de vista isolado”(p.98-9; p.24). Perderam o contorno da pessoa humana e o calor das coisas desapareceu: “uma pesada cortina

cobre o céu da Alemanha”. Dos homens a seu lado não se deve esperar nenhuma ajuda. É a descrição crítica de uma situação social de decomposição, de desaparecimento de qualquer vínculo entre os indivíduos e a proliferação generalizada de um ímpeto evasivo, fértil de “falsa consciência”, conforme Kracauer analisa em *Os empregados*, na figura dos “quartéis do prazer” e do “asilo para os sem teto”.⁵

O livro de Benjamin obteve uma acolhida entusiástica tanto de Ernst Bloch como de Kracauer. Este último dedicou-lhe um ensaio, “Sobre os escritos de Walter Benjamin”, publicado no *Frankfurter Zeitung*, em julho de 1928, no qual saúda não só seu magistral *Origens do drama barroco alemão* como também *Einbahnstrasse* que foram publicados no mesmo ano (1928). Para Kracauer, este último, é “uma coleção de aforismos que, em uma rede de vias pouco conhecidas, se ramificam ou confluem nos fenômenos da vida contemporânea”.⁶ Segundo ele, Benjamin “quer despertar o mundo de seu sonho” (1977-p.253) com seus afo-

rismos radicais. São: “relatos curiosos de sonhos; cenas de infância e inúmeros medalhões dedicados a lugares exemplares de improvisação (como mercados, portos etc.), cujos contornos delicados lembram baixo-relevos; declarações sobre o amor, a arte, livros e política, muitas das quais registram às vezes descobertas surpreendentes da meditação” (id). Destaca a importância central do capítulo “Panorama imperial”, isto é, sua tentativa de caracterizar a inflação na Alemanha. Seu alvo é claro: mostrar a “estrutura descontínua do mundo”; os aforismos anunciam “o fim da era burguesa”. Com pleno conhecimento dos propósitos intelectuais de Benjamin, traça um paralelo entre o conjunto de aforismos e o livro sobre o drama barroco, só não utiliza, como faço aqui, a definição deles como “montagem literária”: “O método de dissociar de modo direto das unidades vividas – que ele aplica em seu livro do barroco – assume necessariamente – se aplicado ao mundo de hoje – um significado explosivo, se não revolucionário”. E chama atenção sobre a novidade do

método expositivo do livro, sobretudo em relação ao próprio desenvolvimento intelectual de Benjamin, o paralelo com o seu próprio desenvolvimento intelectual é evidente, basta pensar no ensaio de 1927 – “O ornamento da massa”: “o livro se diferencia dos trabalhos anteriores pelo seu *materialismo* particular”. Mais do que isso, ao dirigir a atenção ao que aparentemente é sem importância, aos dejetos [*Abfälle*]. Desse modo, a dialética das essências – o que me parece decisivo –, segundo Kracauer, “assume uma aparência *estética*”. É aquele lugar privilegiado, conforme formula Benjamin em seu livro sobre o drama barroco, “entre o pesquisador e o artista”. Um tipo de pensamento que caiu no esquecimento desde o advento do idealismo. Um “materialismo particular” capaz de realizar a crítica do mundo das coisas.

Bloch publicou no início de agosto de 1928 *A forma de revista na filosofia* [*Revueform*], incluído posteriormente em *Erbschaft dieser Zeit*, 1935 (Herança deste tempo).⁷ Enquanto Kracauer destaca o “materialismo particular” dos

aforismos e de que modo a “dialética das essências” assume uma “aparência estética”, Bloch estabelece uma relação direta entre sua forma de escrita e o surrealismo, “é o surrealismo pensante”. O conjunto de aforismos é um exemplo do que denomina “montagem mediata”, não é uma mera sucessão de fragmentos extraídos arbitrariamente da realidade sem conexão entre si, mas um modo de reflexão. Não é o mero “relaxamento” [*Lockerung*], mas uma forma “mediata”, como forma aberta, involuntária, “mescla de fragmentos”. Desse ponto de vista, segundo Bloch, a primeira do gênero. Ele tira partido de coisas acessórias, vulgares, de segunda mão e radicaliza filosoficamente a descoberta surrealista de tornar o século XIX imediatamente observável – o passado no presente. Nos seus termos: “Seu eu está bem próximo, mas transformando-se, na verdade são muitos eus, quase que cada frase é um recomeço, uma nova maneira de tratar outra coisa. O livro utiliza meios extremamente modernos, com graça tardia, para os conteúdos freqüentemente isolados e

gastos. Sua forma é uma rua, de uma sucessão de casas e lojas, de onde expõe as ocorrências” (EZ, 1985 - p.368). É uma “revista” composta de vários quadros.

Diferentemente da forma quase lacônica de se expressar, muitas vezes até comedida, mas incisiva de Kracauer, Bloch, em contrapartida, se expressa de forma próxima da loquacidade,⁸ rica de imagens, “fabulante”, quase que se apropria do modo expositivo dos aforismos, da “montagem mediata” de Benjamin. Continua: “Os novos aspectos do ‘improvisado’ não faltam na mão esquerda. Estas ações tornam-se filosóficas em Benjamin, enquanto forma, interrupção, improvisação, no súbito olhar em diagonal que quer alcançar os detalhes e os fragmentos e não um ‘sistema’” (EZ, 1985, p.369). A recusa de um sistema filosófico tradicional, a escrita que se expressa mais por meio de imagens do que por meio de conceitos, esse caráter quase que “a-lógico” (Adorno), é uma característica comum na produção teórica de Benjamin, Kracauer e Bloch, nesses anos da chamada República de Weimar, sem

perder de vista a diversidade entre eles. A “revue” é uma forma “aberta”, é uma alternativa ao sistema filosófico tradicional, “fechado”. Nas palavras de Bloch:

A sentença, o preceito, o diálogo, o tratado foram sempre formas filosóficas anteriores ao sistema, bem antes dos sistemas modernos. Hoje o sistema se retira com o princípio racional a priori da burguesia... Os sistemas fechados desapareceram ao mesmo tempo que o cálculo fechado e abstrato da burguesia, na mesma medida em que Nietzsche pode chamar o sistema de uma vontade de ‘má fé’ [*Unehrllichkeit*]! É por isso que as impressões inquiridoras e questionadoras de Simmel encontram seu lugar (EZ, 1985, p.369).

Em 1930 é publicado o livro *Spuren* [*Vestígios*] de Ernst Bloch. Uma coleção de pequenas narrativas, como o próprio Bloch define o livro: uma “narrativa de narrativas”.⁹ Um conglomerado de contos de fada, fábulas, lendas, provérbios, conversas e citações das mais

variadas procedências, ao lado de uma especulação incomum que busca captar os elementos anticapitalistas e utópicos presentes nesse universo pré-moderno, não-contemporâneo, capaz de lançar luz na “obscuridade do instante vivido” e de sugerir respostas à “figura da questão inconstruível” – usando as expressões de *O espírito da Utopia*. São fábulas germânicas, Märchen (contos de fada) dos irmãos Grimm a Ludwig Tieck; *Kalendergeschichten* [histórias de calendário] de Johann Peter Hebel; romances de folhetim (*Kolportage*); romances policiais; lendas chassídicas do Leste europeu; contos russos e chineses; histórias de Mil e uma noites; e da Odisséia de Homero para não falar, e nesse ponto muito próximo de Walter Benjamin, da literatura surrealista, em suma, uma “montagem mediata” – conforme a terminologia de Herança deste tempo. Sem forçar a mão, posso afirmar que se trata de uma das obras-primas da chamada República de Weimar.

O livro é dividido, além da introdução, em quatro partes: lugar, destino,

existência e coisas. Na Introdução, Bloch deixa claro seu propósito: “Resumindo, é bom também pensar fabulando” [fabelnd zu denken].¹⁰ O caso possui um em-si, que só é apreendido por meio de seus vestígios, pequenos testemunhos secundários, peças minúsculas, formando uma micrologia particular. São historietas desse tipo, isto é, que são não apenas narradas, mas são contadas as horas quando suas notas foram soadas e como elas entraram pelas orelhas, nos deixando a pergunta: “para onde elas foram” (ibid). Uma nota, uma advertência já presente nos pequenos acontecimentos como exemplos e pistas, vestígios, indicando um mais e um menos que só podem ser percebidos por meio dessas histórias. É um “dejeito” [*Abfall*] de coisas passadas, em lugares diferentes, que não pode ser esquecido – e em se tratando de dejetos, há hoje uma abundância deles (p.17). Trata-se de ler vestígios e as diferentes seções do livro se entrecruzam na transversalidade dessas pistas. Ao encontrá-las somos tomados por um choque.

A proximidade com os propósitos de *Rua*

de mão única – tirar proveito dos dejetos (Abfälle) da história para decifrar o presente, o trabalho micrológico e o uso da montagem (mediata), citações, conversas e, sobretudo, o pensar “surrealista”, o choque – salta aos olhos. Procedimentos experimentais de texto e de modos de análise que estão também presentes na “literatura sociológica”¹¹ de Kracauer daqueles anos. Mas a peculiaridade de Bloch reside no seu pensar fabulando. O que significa isto?

Na secção “Cair no agora” [*Fall ins Jetzt*], Bloch narra uma historieta judaica do Leste da Europa. Seu final soa como uma piada (*Witz*) e mostra que “o poço (*Grube*) é nosso agora” (p.98). Resumindo a narrativa: um grupo de judeus conversava, numa Sinagoga de uma cidadela, e começou uma espécie de jogo: cada um deveria se expressar sobre o que desejaria caso viesse um anjo. O rabino disse que ficaria contente se ele lhe aliviasse a sua tosse; o segundo falou “eu gostaria que minha filha se casasse”, e o terceiro, interrompendo, retrucou, eu não gostaria de ter uma filha, mas um fi-

lho para que cuidasse de meu negócio. Por último, o rabino se voltou para um mendigo que se encontrava desde o dia anterior sentado em um banco mais atrás deles e lhe perguntou: “O que gostaria de desejar, meu caro?” O mendigo lhe respondeu que gostaria de ser um grande rei que tivesse um vasto país e que em cada cidade possuísse um palácio como residência revestida de ônix, sândalo e mármore, onde se sentaria no trono e seria temido pelo seus inimigos e amado pelo povo como o rei Salomão. Mas que, infelizmente, acrescentou – mudando a forma condicional do subjuntivo para o tempo verbal do presente do indicativo – “na guerra não tenho a sorte de Salomão” (p.98). E continuou sua fala, meus inimigos se sublevam, meu exército é derrotado, queimando as cidades e os bosques e escuto nas ruas a algazarra do povo a clamar pelo meu sangue e eu deixo tudo de lado até mesmo minha camisa e vim pela estrada afora, passando pelos bosques e pradarias, vendo o meu país em chamas, caminho durante dez dias, até chegar num lugar em que ninguém me conhece,

fui salvo, e conclui: “*desde ontem à noite me encontro aqui*”(p.99 – grifo do autor). Todos ficaram estupefatos com a narrativa do mendigo. O rabino lhe disse, o que adiantaria todo aquele poder e riqueza se ele logo perderia tudo. O mendigo lhe respondeu que ficaria muito contente se tivesse pelo menos uma camisa. Todos riram e lhe presentearam com uma camisa. Bloch comenta: “este curioso agora como fim ou o fim do agora na palavra: *desde ontem à noite me encontro aqui*, esta ruptura do ser aqui ao sair do sonho. Por meio de uma transição árdua comunicada lingüisticamente, na qual o mendigo começa contando a partir da forma desiderativa, passa do presente histórico subitamente ao presente efetivo. O ouvinte é tomado por um certo estremecimento ao aterrizar lá onde ele se encontra; nenhum filho para assumir o negócio” (p.99). Aqui se deve prestar atenção à sutileza da mudança de tempo verbal, que é justamente a capacidade de ler um vestígio que se manifesta na estranha forma do que é narrado que retorna ao presente real – uma “queda no agora”.

Como é o “Reverso das coisas”? Como se lê em uma outra secção do livro. A questão poderia ser formulada por Berkely, que para o homem atual representaria uma condição humana primitiva, ingênua. As coisas são exatamente como se nos apresentam diante dos olhos? De que modo a sensação se torna uma propriedade das coisas? A rosa é vermelha e no entanto é rosa. O que para o realismo ingênuo de uma criança é quase um mistério. O que fazem as coisas em nossa ausência, quando lhes damos as costas? Aqui, Bloch recorre a um conto de fada, a um trecho de *Simbad, o marujo* e o tema de seu infortúnio, demarcando a face revertida das coisas e a sua vida própria “irracional”, além do seu uso habitual: Simbad sofre um naufrágio, e juntamente com outros sobreviventes, se refugia em uma pequena ilha repleta de árvores frutíferas, mel, coqueiros, pássaros, caça abundante e com uma fonte de água potável no centro da mata. Mas quando à noitinha os sobreviventes acendem uma fogueira para assar a caça, o chão começa a tremer e as árvores a cair

em pedaços: “a ilha era o lombo de um polvo (*Kraken*) gigantesco”(p174).

A sutileza do gosto, a sensibilidade para a minúcia é ilustrada por meio de uma velha lenda chinesa, na verdade trata-se de uma micrologia: “comer minuciosamente azeitonas” (p.170-71). Na velha Nankin, um grupo de jovens escritores se reunia duas vezes por ano, cada um saboreava calmamente três azeitonas. Em seguida eram escolhidas mais azeitonas que eram alinhavadas em um pequeno tordo (*Krammetsvogel*), este era colocado em seguida dentro de uma perdiz, esta dentro de um pato, este dentro de um ganso, o ganso dentro de um peru, o peru dentro de um leitão, este dentro de um carneiro, o carneiro dentro de uma vitela e esta, finalmente, dentro de um boi. Todo este conjunto espetacular era cozido lentamente e com muito cuidado. Depois se abria o boi, retirava-se a vitela, o carneiro, o leitão, o peru, o ganso, o pato, a perdiz e espetava em cada um, duas azeitonas do tordo. Quando saboreavam em silêncio as azeitonas, um deles que mastigava lentamente a iguaria na

ponta da língua, olhando para o teto – quebrando o silêncio –, disse: “Mal posso supor que eu esteja errado, me parece que o peru junto desta azeitona não estava inteiramente fresco” (p170). Apesar de ter quebrado o silêncio que acompanhava a refeição, foi elogiado por todos por sua ponta da língua apurada, por seu paladar que não se deixa enganar. Bloch ressalta a questão da sutileza implícita nessa história chinesa “micrológica”: capaz de ressaltar o mais importante das muitas coisas importantes que existem no mundo. Não se trata apenas de comer azeitonas, mas minuciosamente.

Poderíamos enumerar muitas outras narrativas desse caleidoscópio de narrativas como os temas da “separação” (p.72), da “reclusão”(*Verborgenheit*)”(p. 121), da “sedução” (p.179), todos de inspiração kierkegaardiana ou mesmo aquelas em que retoma no “Tema da magia branca”, como se fosse um alquimista, a lenda de Fausto. O importante é delimitar a peculiaridade da “montagem mediata” nos textos de Bloch do período, seu “pensar fabulando”, diferenciando-o não

só da “montagem literária” de Benjamin, dotada de um “materialismo particular”, como também da “literatura sociológica” de *Os empregados*, de Kracauer. Todos se inspiram, como no surrealismo, na literatura de folhetim, no romance do Kolportage, aquela literatura que designa em geral o comércio ambulante de livros, mas do século XVI ao XIX indica também uma forma específica de literatura, livros de pequeno formato vendidos por ambulantes e vagabundos. Uma literatura de caráter utilitário: livros de devoção, de educação, de orientação higiênica, livros de magia, almanaque etc. A literatura de Kolportage tornou-se um importante repertório da cultura popular, assegurando a transmissão de lendas de cavalaria, de mitos, provérbios etc.¹² Em Bloch, o Kolportage serve como fonte das narrativas, em Benjamin, para mostrar o caráter descontínuo do mundo, em Kracauer, como forma de articular uma análise que é ao mesmo tempo uma realidade em construção.

A recepção do livro de Kracauer, *Os empregados*, foi tímida, apesar das

resenhas extremamente simpáticas que recebeu de Bloch e Benjamin, ambos tinham plena clareza da importância de sua análise, que delimita um novo fenômeno – isto é uma “nova classe média” e o novo modo de escrita, próximo das experiências que ambos estavam realizando. Para Bloch, Kracauer “penetra ali onde outros apenas tagarelam. Com uma linguagem que pode dizer o que vê” (EZ, p.33). A série de artigos publicados no *Frankfurter Zeitung* articula – por meio das conversas desconexas do cotidiano, das situações imediatas e dispersas, dos fenômenos de superfície –, aparentemente uma “reportagem”, mas só aparentemente, pois Kracauer se posiciona claramente contra essa literatura que se tornou moda entre os escritores de esquerda e que gerou uma polêmica na revista berlinense *Die Linkskurve*.¹³ Seus argumentos críticos contra a reportagem são próximos dos de Lukács, no seu famoso ensaio, de “Reportagem ou configuração”.¹⁴ Mas a crítica de Kracauer é anterior ao ensaio de Lukács. Para Kracauer, trata-se de uma “literatura sociológica”¹⁵

e não de uma mera reportagem. É por meio de uma “literatura sociológica” que lhe permite articular uma realidade *sui generis*, que não é aquela da “lógica dos fatos”, nos seus próprios termos: “a realidade é uma construção”. A construção de um cotidiano específico, diretamente ligado a uma nova forma de trabalho assalariado, o empregado, que se generaliza com a emergência da sociedade de massas. Seu objetivo é mostrar, segundo Bloch, “a verdadeira situação dos empregados ou, mais ainda, a falsa consciência que eles têm de si mesmos” (EZ, 1985, p. 33). A questão da “falsa consciência” decorre da leitura de *História e consciência de classe*. Kracauer chegou a comentar em detalhe esse livro de Lukács, como o conceito de “falsa consciência”, em cartas dirigidas a Bloch.¹⁶ Mas o sujeito analisado por Kracauer é de outro tipo: os empregados. Diferentemente do trabalhador fabril, o empregado está afastado da produção. Sua atividade é monótona e sua atitude social apática. Está sofrendo uma rápida proletarização, mas se sente ainda ligado ao meio bur-

guês. Seu número, nas primeiras décadas do século XX, quintuplicou enquanto no mesmo período o número de trabalhadores apenas duplicou. A “falsa consciência” de classe que expressam é o que Bloch denomina uma “não contemporaneidade”. Uma vez que nada tem de uma “verdadeira” consciência de classe: “são aparências exteriores de uma burguesia já extinta que ainda dominam a sua vida, sem as realidades correspondentes” (EZ, 1985, p.33). É nesse “meio artificial” que a “não contemporaneidade” assume a sua forma mais susceptível de ser apropriada pela barbárie: “uma indescritível horda oriunda do antigo filisteísmo (Spiesertum) incorpora a isso seus instintos, certamente os instintos não populares, mas os perversos, fossilizados e sobretudo sem objeto, e que são anticapitalistas somente quando espancam mortalmente o judeu enquanto ‘usurário’” (EZ, 1985, p.34). É nesse “meio artificial” que se forma o público da distração. Mas é a distração resignada que “desvia da vida real”. É a mesma distração que fomenta o esporte, os concursos de dança, os si-

nais ultraluminosos; introduz o banho de luz nos filmes e a “imprensa de palavras ocas e de pena hábil”. Bloch toma de Kracauer uma frase forte: “A cultura dos empregados ... é a fuga diante da revolução e da morte”(EZ, 1985, p.34). Kracauer já havia examinado anteriormente esse novo fenômeno cultural: o “culto da distração”. O patrimônio cultural, segundo Kracauer, transformou-se ao gerar um “homogêneo público cosmopolita que – do diretor de banco aos auxiliares de comércio, da diva à datilógrafa – sente do mesmo modo”.¹⁷ Na linguagem de Bloch, a distração é como “uma grande feira anual colorida” que embriaga, distrai a atenção e “levanta também pó e, desta vez, um pó já suspenso, cintilante, por assim dizer, um pó de segunda potência. Mas isto não impede que, de imediato, no inteiro afastamento haja apenas trapaça (*Betrug*), que deve ocultar o lugar e a base sobre os quais ele acontece” (EZ, 1985, p.35).

Na sua resenha sobre *Os empregados*, Benjamin chama atenção para o posicionamento político de Kracauer –

a politização da inteligência –, além de ressaltar de que modo ele desmascara a falsa consciência inerente aos empregados, destaca a sua atitude crítica diante da “reportagem” e da “Nova Objetividade”. Kracauer seria um “desmancha prazeres” [*Spielverderber*], afinal “desmascarar é para o autor uma paixão”.¹⁸ E acrescenta: “E se penetra dialeticamente na existência dos empregados, não o faz na qualidade de marxista ortodoxo, e menos ainda na qualidade de um agitador prático, senão pelo fato de que penetrar dialeticamente significa desmascarar”(p.116). A consciência do autor ou mais ainda sua autoconsciência se manifesta sobretudo no modo como sua escrita se diferencia da reportagem e da Nova Objetividade: “Esta escola radical de esquerda pode fazer o que lhe vem à mente; não pode jamais negar o fato de que inclusive a proletarização do intelectual quase nunca gera um proletário (...) Por isso que seu escrito, diferentemente dos produtos de moda radicais da escola mais recente, represente um marco no caminho da politização dos intelectuais”(p.122). Benja-

min enfatiza ao longo de sua resenha que Os empregados representa uma mudança no processo de radicalização política de Kracauer, “um outsider que se faz notar” – conforme o título original do artigo. Na maneira como ele desmascara os mecanismos da falsa consciência, pode se dizer que o autor pensa em termos marxistas. Certamente, seu projeto o conduz tanto mais profundamente à estrutura global do marxismo, quanto a ideologia dos empregados representa uma projeção singular de imagens de recordações e desejos extraídos da burguesia, sobre a realidade econômica concreta, que é muito próxima do proletariado. Não existe hoje nenhuma classe cujo pensamento e sentimento se encontre mais alienado da realidade concreta de sua vida cotidiana como os empregados. (p.117)

Kracauer, segundo Benjamin, é um “descontente” que propõe, como nenhum outro, “a politização da própria classe” (p.122). E referindo-se a Lênin: “A influência direta só pode surgir da práxis. Mas, em contraposição a seus colegas arrivistas, se mantém em seus pen-

samentos a posição de Lênin, cujos escritos demonstram do melhor modo até que ponto o valor literário da práxis política, a influência direta, está distante da rude tralha de fatos e reportagens que hoje se faz passar por essa influência” (p.122). Na verdade, Benjamin projeta em Kracauer o seu próprio processo de radicalização política, processo já perceptível desde *Einbahnstrasse* e, no caso de Kracauer, desde o ensaio “O ornamento da

massa”. O próprio Bloch chama atenção que, no final dos anos vinte, ele, Benjamin e Kracauer tinham posições políticas e teóricas muito próximas, chega mesmo a incluir o Kierkegaard do jovem Adorno. Para ele, *Einbahnstrasse*, *Spuren*, *Die Angestellten* e *Die Konstruktion des Ästhetischen* possuem características comuns ao incluir narrativas na exposição e fazer uso da montagem “mediata”. Decerto, o livro de Adorno é um trabalho

acadêmico muito diverso do experimentalismo de Benjamin e Bloch e distante do viés político-sociológico dos ensaios de Kracauer. *Os empregados* vai estar na base da interpretação de Kracauer do nacional-socialismo. Mas, essa relação já é assunto para outro capítulo.

1 Professor de História da Filosofia e da Arte na Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, campus de Assis-SP, Brasil. Autor de *Um capítulo da história da modernidade estética: Debate sobre o expressionismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998 e *As formas e a vida. Estética e ética no jovem Lukács (1910-18)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. Membro da Internationalen Georg-Lukács-Gesellschaft desde 1996. O presente texto é uma parte de um estudo maior sobre Os empregados e a análise de Kracauer do nacional-socialismo – o artigo foi publicado em VEDDA, M (org.) *Aproximaciones a Walter Benjamin*. Vol.II. Cuadernos de Herramienta. Buenos Aires: Herramienta, 2007. p.25-32.

2 BENJAMIN, W. *Gesammelten Schriften*. Bänden V 1 e 2. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1983.

3 BENJAMIN, W. *Gesammelten Schriften*. Band IV-1. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1980. Edição brasileira: *Obras Escolhidas II*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa.

4 KRACAUER, S. *Das Ornament der Masse*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1977, p.50-63. Edição brasileira. Ed. Cosac & Naify, 2007. Trad. Carlos Eduardo Jordão Machado e Marlene Holzhausen.

5 KRACAUER, S. *Die Angestellten*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1971.

6 *Das Ornament Masse* - cit, p.249

7 BLOCH, E. *Erbschaft dieser Zeit*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1985 (EZ).

8 Segundo Adorno (1981), no ensaio (magistral) que dedicou ao livro de Bloch, *Spuren* (Vestígios): Bloch, “aceitando o primado da expressão sobre o significado, não está preocupado em que as palavras esclareçam conceitos nem que os conceitos encontrem uma morada nas palavras”. ADORNO, Th. W. “*Blochs Spuren*” in *Noten zur Literatur*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1981, p.244.

9 BLOCH, E. *Marxismo e utopia*. Roma: Ed. Riuniti, 1984, p.83.

10 BLOCH, E. *Spuren*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1985, p.16

11 KRACAUER, S. “Reisen, nüchtern” in *Schriften* 5-3. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1990. p.88

12 Para compreender melhor a importância do Kolportage como fonte do “pensar fabulando” de Bloch, ver a sugestiva apresentação de Laura Boella à edição italiana dos *Spuren*: BLOCH, E. *Tracce*. Milano, 1989. p. I-XLVI.

13 Sobre a história desta revista berlinense, ver GALLAS, H. *Teoria marxista de la literatura*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974. Sobre os escritos de Kracauer e a polêmica na revista Die Linkskurve, ver: MÜLDER, I. Siegfried Kracauer – Grenzgänger zwischen Theorie und Literatur. Stuttgart: Metzler, 1985, pp.115-124

14 LUKÁCS, G. “Reportage oder Gestaltung” em KLEIN, A. *Georg Lukács in Berlin*. Berlin und Wemar: Aufbau, 1990, pp.359-381

15 Kracauer utiliza a expressão “soziologische Literatur” [literatura sociológica] em um texto de 1932, “Reisen, nüchter” [Viajar, sóbrio], ao comentar alguns livros com o de Hans Fallada *Kleiner Mann- was nun?* [Pequeno homem- e agora?]. KRACAUER, S. *Schriften* 5-3. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1990, p.88.

16 Sobre a leitura de Kracauer da obra de Lukács ver meu ensaio: “Die Exterritorialität als transzendente Heimatlosigkeit. Über Siegfried Kracauer und Georg Lukács” em *Ibero-Amerikanisches Jahrbuch für Germanistik*, 2007.

17 “Kult der Zerstreung” in KRACAUER, S. *Das Ornament der Masse* (ed. cit), pp. 311-17

18 BENJAMIN, W. “Die Politisierung der Intelligenz” in KRACAUER, S. *Die Angestellten*. Ed. cit., p. 116